

PESQUISA INVENÇÃO: BRINCOLAGEM COMO METODOLOGIA – PELO CRIANÇAMENTO DA PESQUISA

INVENTION RESEARCH: “BRINCOLAGEM” AS A METHODOLOGY – FOR THE CHILDISHMENT OF RESEARCH

INVESTIGACIÓN INVENCIÓN: EL “BRINCOLAGEM” COMO METODOLOGÍA – PARA LA INFANCIA DE LA INVESTIGACIÓN

Gisele Caroline Ruiz Duran¹

Resumo: Esse relato de experiência tem por objetivo potencializar uma reflexão a respeito das pesquisas realizadas no campo da *infância*, territórios esses – pesquisa e infância – próximos em suas potencialidades criativas, inventivas e de descobertas, porém distantes quando a infância se mostra movente, imprevisível e sensorial, e o pesquisar encontra a rigidez do método, a obstinação das análises, interpretações e coletas de dados e o arrogo do saber especialista. A partir de uma pesquisa realizada na intersecção entre a arte e a educação, em que crianças pesquisadoras realizaram oficinas de criação fotográfica e de intervenções plásticas nas fotografias criadas, refletimos sobre o *criançamento* do pesquisar a partir da *brincolagem*, metodologia inventada nessa travessia.

Palavras-chave: Infância; arte; criação.

Abstract: This experience report aims to enhance a reflection on research carried out in the field of childhood, these territories – research and childhood – close in their creative, inventive and discovering potential, but distant when childhood is moving, unpredictable and sensory, and the research finds the rigidity of the method, the obstinacy of the analysis, interpretations and data collection and the arrogance of specialist knowledge. Based on a research carried out at the intersection between art and education, in which child researchers held workshops on photographic creation and plastic interventions in the created photographs, we reflected on the childishness of research based on “*brincolagem*”, a methodology invented in this journey.

Keywords: Childhood; art; creation.

Resumen: Este informe de experiencia tiene como objetivo potenciar una reflexión sobre las investigaciones realizadas en el campo de la infancia, estos territorios – la investigación y la infancia – cercanos en su potencial creativo, inventivo y descubridor, pero distantes cuando la infancia es conmovedora, impredecible y sensorial, y la investigación encuentra la rigidez del método, la obstinación del análisis, las interpretaciones y recolección de datos y la arrogancia de los conocimientos especializados. A partir de una investigación realizada en la intersección entre arte y educación, en la que los niños investigadores realizaron talleres de creación fotográfica e intervenciones plásticas en las fotografías creadas, reflexionamos sobre la infantilidad de la investigación basada en el “*brincolagem*”, metodología inventada en este recorrido.

Palabras clave: Infancia; arte; creación.

Introdução

Muito se fala sobre pesquisas *com* crianças, pesquisas *sobre* infâncias, categorias analíticas constantemente disputadas por diferentes áreas do saber. Dentro do campo da

¹ Universidade Federal de São Carlos.

educação há uma infinidade de escritos a respeito das crianças e das infâncias a partir de diferentes recortes teóricos, como o desenvolvimento cognitivo, as práticas pedagógicas, as culturas infantis, as diferenças, o currículo, a formação de sujeitos etc.

Tenta-se o tempo todo capturar a infância, porém se esquece que, assim como a poesia, a infância pertence a outro mundo, ao mundo do despropósito, que é impossível de ser capturado.

Descobri isso tentando encontrar a infância em pesquisa. Eu pesquiso na área da criação, da arte, da imagem e como esses lugares podem atravessar a educação e a infância. Na minha pesquisa² experimentamos situações de criação artística com as crianças, a partir da realização de oficinas fotográficas e de posteriores intervenções plásticas nas imagens criadas. As experiências apresentadas nesse texto foram vivenciadas dentro de uma instituição de Educação Infantil.

As oficinas consistiram na aplicação de dispositivos de criação, um conceito do cinema que na pesquisa foi deslocado para a fotografia. De acordo com Cezar Migliorin, o dispositivo de criação é uma

experiência não roteirizável e amplamente aberta ao acaso e às formações do presente. Há no dispositivo uma dimensão lúdica que no trabalho na escola é bem-vinda; há uma tarefa a cumprir, um desafio a realizar. O dispositivo instaura uma crise desejada por quem dele participa. Uma crise nas formas de ver e perceber: antes de soluções há uma suspensão das soluções conhecidas. Na crise as decisões não estão prontas, as respostas demandam invenção, uma vez que a repetição da mesma resposta é o aprofundamento da crise. (MIGLIORIN, 2015, p. 79).

O trabalho com os dispositivos de criação é composto por pequenas regras pré-definidas, que instauram uma crise no processo de criação e produzem lacunas que se abrem ao inesperado e ao imprevisível. Quando se propõe uma saída fotográfica livre, as crianças geralmente fotografam a partir de seus repertórios visuais e das visualidades que fazem parte de seus cotidianos, quando se instaura uma crise nesse processo, se ativa uma potência criadora e uma aventura do pensamento no sentido de se criar diferentes visualidades e outras possibilidades de se fotografar.

Inicialmente buscava encontrar as infâncias nas imagens, como se as crianças fossem, intencionalmente ou não, atribuir algum sentido para as fotografias, ou presumia-se que as imagens pudessem representar uma certa ideia de infância ou de criança, e confirmá-la como diferente do adulto. A experiência mostrou-se outra, aí já nos deparamos com a imprevisibilidade e a desobediência infantil, pois assim como a própria imagem, ela escapa da representação, não se deixa enclausurar, não se coloca a serviço de uma utilidade, não atribui sentido e se atribui *sentir*, esse é transitório. Aonde queríamos ver sentido, a criança queria ver pedra, aonde queríamos que a imagem significasse algo, a criança queria dizer que era só a grama.

² DURAN, Gisele C. Ruiz. *Atravessamentos visuais e arteiras infâncias*. 2020. 120f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.



Figura 1: Fotografia produzida pelas crianças durante oficina
Fonte: Atravessamentos visuais e arteiras infâncias (DURAN, 2020, p. 41)



Figura 2: Fotografia produzida pelas crianças durante oficina
Fonte: Atravessamentos visuais e arteiras infâncias (DURAN, 2020, p. 43)

A busca pelo sentido cessou, poderíamos ter insistido – muitos insistem – porém o sentido seria nosso e jamais alcançaria a experiência de infância vivida ali.

Terminadas as oficinas de fotografias, acabamos com um amontoado de imagens, que poderiam ter sido tratadas como dados, e interpretadas, analisadas e enquadradas em algum procedimento metodológico, no entanto nos perguntávamos: como olhar para essa potência de escapar intrínseca a infância e as imagens a partir de pressupostos rígidos, conceitos ou métodos? Ela vai escapar dos nossos olhares, não vamos conseguir apreendê-la em nenhum regime de significação.



Figura 3: Montagem produzida pela autora

Fonte: Atravessamentos visuais e arteiras infâncias (DURAN, 2020, p. 24)

Nesse momento em que nos deparamos com o não saber, nos demos conta de que nenhuma metodologia seria capaz de alcançar a potência das imagens que se inventavam ali, que não eram dados de pesquisa, mas imagens ativas, afetivas, sensoriais, criadoras de multiplicidades; que nenhuma metodologia seria capaz de alcançar a potência criadora dos corpos que pulsavam ali, que não eram sujeitos de pesquisa, mas um corpo coletivo de artistas e pesquisadores de si mesmos; e que nenhuma metodologia seria capaz de alcançar a experiência imageante e infante que se vivia ali.

Se não há metodologia, é preciso inventá-la.

No território da academia existe um pressuposto muito consolidado da razão como único meio de apreender o mundo, porém a criança ainda consegue apreender **através** – e é através porque **atravessa** mesmo – através do corpo, dos sentidos, da sensibilidade, da intuição, do conhecimento intuitivo. E como pesquisar atravessada por esses conhecimentos?

No caminhar da pesquisa um feliz encontro aconteceu, conhecemos a metodologia artística de pesquisa. Antes de apresentá-la, é importante diferenciarmos as pesquisas *sobre* a arte e as pesquisas *em* arte. Aqui não pretendemos discutir o que é arte, o que não é, defini-la ou classificá-la. **Nós experimentamos em arte.** Nessa pesquisamos andamos na corda bamba, na intersecção, habitamos o (des)encontro entre a arte e a educação, e permanecemos na fenda que se abre entre esses dois territórios, sem ocuparmos totalmente nenhum dos dois espaços. Esse encontro nem sempre é amistoso, e é justamente no conflito que a potência se distribui. Ao habitarmos essa fenda, criamos uma variação no real, uma fratura em certas lógicas estagnadas de pensamento, fazemos uma intervenção nesses processos rígidos e estabelecidos e assim criamos outro tempo, outro espaço, um intervalo que se abre para novas formar de mundo.

Nessa experiência não cabem ideias fixas da educação, tais como formação de sujeito, desenvolvimento de habilidades ou currículo, assim como não cabem ideias fixas dos estudos da arte como a técnica, a história, as escolas artísticas e seus movimentos lineares.

Nos encontrávamos nesse lugar de deslocamento entre o planejado e o vivido, com muitas perguntas e nenhuma certeza, e com diversas imagens e experiências para contar quando nos encontramos com a metodologia artística de pesquisa.

De acordo com Olga Egas (2017), a partir dos estudos de Marin Viadel e Roldan, as múltiplas imagens que nos rodeiam, quando postas em relação e o processo de criação imagético são como gatilhos para o pensamento visual, movimentando a nossa percepção de mundo e reinventando os

nossos sentidos e a nossa visualidade. A partir da metodologia artística de pesquisa, o trabalho com as imagens em pesquisas acadêmicas não as reduz a meras ilustrações ou registros, mas colocam os pesquisadores em estado de criação e invenção, movimentando o pensamento e instaurando novas perguntas em formas de imagens que se multiplicam continuamente.

A partir das metodologias artísticas de pesquisa, mais importante do que o que se vê, é como se vê, como o pesquisador se relaciona com as imagens para ultrapassar o que se sabe sobre elas e encontrar o novo, o que não se sabe. Olga apresenta algumas possibilidades de fazer pesquisa a partir dessas metodologias, como por exemplo realizar foto colagens, comentários visuais e séries fotográficas. Todas essas possibilidades implicam em atuar criativa e artisticamente nas imagens de modo a, por meio da montagem, ativar o pensamento visual e inventar novas imagens. Esses modelos de investigação artística acionam o processo criativo do pesquisador, que ao olhar para as imagens não no sentido de descrevê-las ou interpretá-las, mas com o objetivo de trabalhar artisticamente com elas, cria uma relação íntima e simbiótica com a imagem que afeta a própria construção do pensamento. Ao criar uma relação de invenção com a imagem, mais do que apenas olhar para analisar, é preciso um esforço do corpo todo, que aciona todos os sentidos e explora diferentes possibilidades de criação.

Antes mesmo de conhecermos a metodologia artística de pesquisa, quando ainda pintávamos sobre as fotografias sem sabermos ao certo para onde aquela experiência ia dar, ela aconteceu sem saber que estava acontecendo, aconteceu sem ser nomeada ou adequada a métodos ou formas específicas, porque ali as crianças pesquisadoras, sem esforço ou intencionalidade já haviam criado uma relação tátil e corpórea com as imagens, mas o encontro tardio com essa metodologia ressignificou a experiência vivida e nos levou a proposição da *brincolagem*.

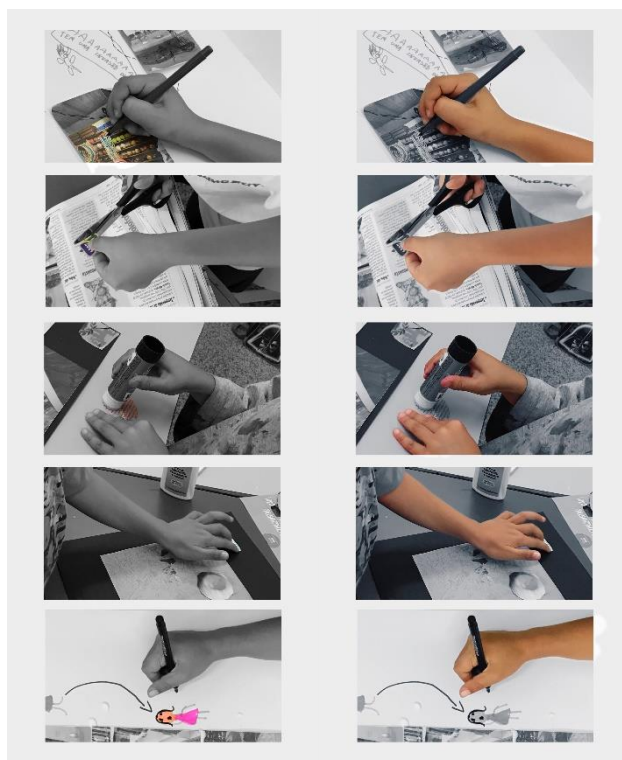


Figura 4: Montagem produzida pela autora

Fonte: Atravessamentos visuais e arteiras infâncias (DURAN, 2020, p. 92)

A experiência estética aqui vivida não objetiva nem a formação de artistas, fotógrafos, pintores, escritores, tampouco desenvolver alguma habilidade ou aprendizagem pedagógica, o que se procura é justamente, ao entrar em relação com essas materialidades artísticas, encerrar com os modelos pré estabelecidos, forçar o pensamento e distribuir a potência criadora e criativa em um corpo coletivo.

Descobri que quando pisamos no chão da infância é preciso abandonar a rigidez do método, as análises, as tais **coletas** de dados. E é preciso não ter medo do caos, andar na corda bamba e aceitar os desequilíbrios, as quedas, os dados sujos, aquilo que não conseguimos acessar, aquilo que não sai como planejado, aquilo que inventamos porque **pesquisar é inventar**, não existe um olhar neutro, mas visualidades criadas e recriadas. **E não é possível alcançar a experiência da infância sem uma disposição à experimentação.** Pesquisar com crianças é se encontrar com o **desconhecido**, é dançar no território movente da **imprevisibilidade**, é assumir o olhar disperso, é ouvir e não exigir a fala, é sentir o mundo pelos **sentidos**, é o tempo todo se esforçar para deixar durar a infância que se inventa ali.



Figura 5: Montagem produzida pela autora

Fonte: Atravessamentos visuais e arteiras infâncias (DURAN, 2020, Capa)

A *brincolagem* é a montagem da brincadeira com a imagem/colagem, é o próprio criar infantil, em que se constrói outra coisa com os objetos que se tem em mãos, é uma forma de olhar e pensar as imagens a partir de uma relação inventiva e sensorial com elas, é abertura para o movimento, em que se aproxima, se afasta, se sente e se relaciona com as imagens, é o próprio fazer e pensar o processo de pesquisa no território movente da infância e das imagens. Na brincolagem o caos, as desestabilizações, os erros, os dissonantes e os contrários não são evitados, ao contrário, são perseguidos e produzidos. Na brincolagem perder-se é parte essencial do trajeto, já que não há onde chegar. Na brincolagem é obrigatório imaginar, experimentar, olhar e criar. Na brincolagem usamos os olhos, os poros, as mãos, os pés, a razão, a sensação e a intuição.

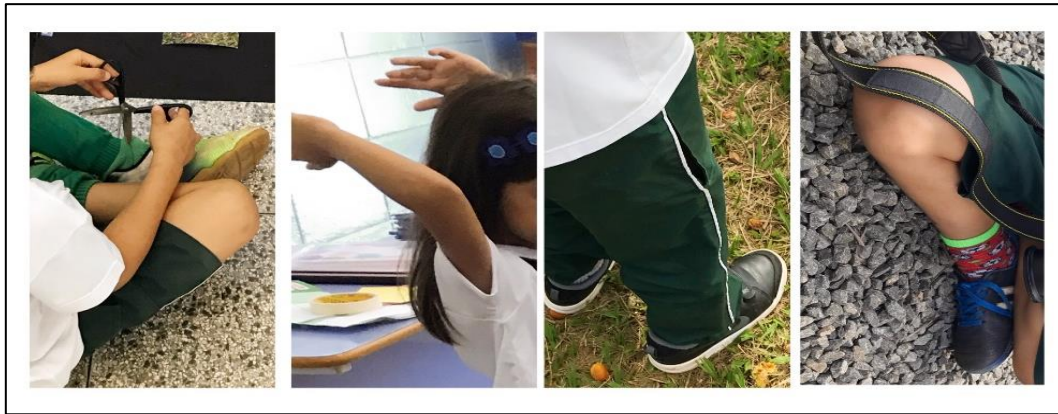


Figura 6: Montagem produzida pela autora

Fonte: Atravessamentos visuais e arteiras infâncias (DURAN, 2020, p. 81)

Não pretendemos aqui fixar mais um método ou escola, apenas compartilhar pequenas tentativas e experiências que de algum forma foram potentes e construir algumas possibilidades de desenvolver criativamente o processo-aula, buscando novas formas de se relacionar com o conhecimento por meio dos processos artísticos, do corpo, das sensações, da imagem e da brincolagem

Referências

EGAS, Olga Maria Botelho. *Metodologias artísticas de pesquisa em educação e deslocamentos na formação docente: a fotografia como construção do pensamento visual*, 2017. 293f. Tese (Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017.

DURAN, Gisele C. Ruiz. *Atravessamentos visuais e arteiras infâncias*. 2020. 120f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.

MIGLIORIN, Cezar. *Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá*. 1. ed. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2015. 224 p. il. 21 cm.

Sobre a autora

Gisele Caroline Ruiz Duran. Mestre e Doutoranda em Educação na linha Educação, Cultura e Subjetividade, no Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos. Atua como Professora de Educação Infantil na rede privada. Dedicar-se em especial aos seguintes temas: Educação Infantil, Infância, Arte, Fotografia e Educação Visual. Participa do LabCriarte – Laboratório de Estudo e Criação em Arte e Educação do Grupo de Pesquisa Educação e Estéticas da Diferença.

E-mail: gicarolduran@gmail.com.